

Lições de Arquitectura

02

ISBN 9789899918436



9 789899 918436

Palladio e o Moderno reúne dois ensaios numa única lição: a aula pública com o mesmo título, apresentada no âmbito de uma prova de agregação em História da Arquitectura Moderna, e a sua sequência, a propósito do Pensamento Arquitectónico de Eduardo Souto de Moura. Uma e outra, isto é, lição e ilação, constituem as duas faces da mesma moeda: o que significa hoje ser moderno, no século XVI como na contemporaneidade, com Palladio ou com Souto de Moura?

José Miguel Rodrigues

Palladio e o Moderno

José Miguel
Rodrigues

circodeideias

Prefácio de Joana Couceiro

Lições de Arquitectura

02

Palladio e o Moderno

José Miguel
Rodrigues

Prefácio de Joana Couceiro





Siza e Távora junto à Basílica palladiana a
observar a Loggia del Capitaniato, Vicenza, 1999
(© Arquivo Fernando Távora, Fundação Marques da Silva)



Índice

6	Prefácio Siza Palladio – Joana Couceiro
15	Palladio e o Moderno
19	Abertura e tema
25	Palladio: a prática
27	Villas e palácios
42	Basílica e ponte
49	Templos
59	Palladio: a teoria
61	As referências e os conteúdos
61	O tratamento das ordens
71	Sobre os abusos
73	Invenções antigas e modernas
81	Bibliografia
85	O Pensamento Arquitectónico de Eduardo Souto de Moura

Siza Palladio

Joana Couceiro

Foi-nos pedida uma introdução à Lição *Palladio e o Moderno* para abrir este livro.

Conhecendo bem a investigação e a extensão da obra pedagógica de José Miguel Rodrigues, o nosso contributo não podia ser outro do que propor a sequência de uma outra Lição, também sua, sobre um arquitecto da nossa contemporaneidade, dando a ver, através do seu pensamento e das suas próprias palavras, como a História pode ser absolutamente moderna e o Projecto moderno é, necessariamente, uma invenção contaminada pelo pensamento arquitectónico dos antigos.

Um tal abuso (uma Lição seguida de outra Lição) encontraria a sua justificação nas considerações de Palladio (precisamente *sobre os abusos*), ou seja, não indo *contra o que a razão ordena*.

O pensamento arquitectónico de Eduardo Souto de Moura é exemplo das possibilidades que o conhecimento da História (não de uma história qualquer, mas, como veremos mais adiante, desta em particular) oferecem à invenção e, num movimento inverso e simultâneo, a sua arquitectura ajuda a desenhar aquele

que seria o pensamento arquitectónico dos seus antepassados, nomeadamente o de Palladio, “a alma gémea de Souto de Moura” (diz o autor), e a figura central desta Lição. Aparentemente.

•

Não terá sido ao acaso que José Miguel Rodrigues escolheu, para abertura, uma belíssima fotografia onde Fernando Távora e Álvaro Siza caminham numa rua de Vicenza com a Basílica de Palladio em plano de fundo. Ao lado, os pedestais de *pedra natural* do *Palazzo del Capitaniato* (também de Palladio) encontram a escala humana e suportam as colunas gigantes, de *pedra artificial*, abruptamente amputadas pelo enquadramento. Para além da lente imaginamos o invisível. O pigmento do tijolo evoca os frescos de Paolo Veronese, que é como quem diz, as salas de Palladio, e, ainda, as fotografias de Ghirri, que é como quem diz, as arquitecturas de Rossi. Voam anjos sobre esta e cidades análogas. Assim o Teatro do Mundo.

A fotografia tem o poder de fixar e perpetuar imagens. Nesta, o que se perpetua é uma imagem em *travelling*, que não se fixa. Távora, e Siza, e Palladio (tão ou mais presente que os anteriores), e uma família espiritual de autores, caminham e conversam lado a lado. Hoje, ainda. O que impressiona (e os une) é a *modernidade permanente* do seu discurso e da sua obra.

Távora, sabiamente, elabora e explica esta ideia num texto ímpar. Chamou-lhe *A Lição das Constantes*.

•

A Lição *Palladio e o Moderno* faz parte de um projecto pedagógico maior, a disciplina de História da Arquitectura Moderna, unidade curricular que integra o segundo ano do ciclo de estudos da FAUP.

“A História da Arquitectura Moderna – com esta designação específica – é uma criação recente (1994). O seu mentor e principal construtor foi o Professor Domingos Tavares que, durante anos, não só a leccionou (inclusive ao autor desta lição) como cuidou de a enraizar no curso conferindo-lhe espessura e aura.

A aura estava criada, desde o início, pela forma desassombrada como tratava dos autores do ciclo classicizante da arquitectura, do Renascimento, do Maneirismo, do Barroco ou do Neoclassicismo, como se se tratassem de colegas nossos.”¹

Assim, a conversa nas ruas de Vicenza.

•

Cronologicamente, em teoria, o programa da disciplina desenharia o arco temporal entre o fim da Idade Média (1453, ano da queda do Império Romano do Oriente) e as transformações culturais que culminam na Revolução Francesa (em 1789).

No entanto, este projecto, não se cingindo ao espartilho temporal ditado por questões de pura cronologia historiográfica, alarga o seu limite (talvez abusivamente) até à modernidade arquitectónica do século XX (muito em particular à História da Arquitectura do Período Histórico Moderno), tema central ao debate em torno da Arquitectura Contemporânea.

É importante esclarecer aqui a confusão recorrente entre as definições, particularmente ambíguas, de arquitectura moderna e arquitectura contemporânea, sendo que estas podem, ou não, coincidir.

Roubando as palavras a Fernando Távora (porque não sabemos dizê-lo melhor) *“A palavra ‘moderno’ define toda a forma de actividade que mantém uma relação perfeita com a Vida. ‘Arquitectura moderna’ será aquela que traduz exactamente, isto é, segundo uma relação perfeita, a realidade que a envolve. Há portanto, que estabelecer a diferença. Arquitectura contemporânea é toda aquela que se realiza no nosso tempo; Arquitectura moderna é toda aquela que, sendo contemporânea, se realiza ‘de acordo’ com o nosso tempo. O estabelecer-se esta distinção implica a paradoxal existência*

¹ José Miguel Rodrigues, “Relatório da Unidade Curricular”, *Provas de Agregação*, vol. 2/3, FAUP, 2017, p. 10.

² Fernando Távora, “O Porto e a Arquitectura Moderna”, *Panorama, Revista Portuguesa de Arte e Turismo*, n.º 4, 2ª série, 1952, (s. p.).

*de uma Architectura que, sendo do nosso tempo por uma questão de pura cronologia, não o é pelo espírito que a anima.”*²

Implica, ainda (agora com palavras nossas), a paradoxal existência de uma Architectura que, não sendo do nosso tempo por uma questão de pura cronologia, o é pelo espírito que a anima.

À luz desta perspectiva, o aparente abuso de se alargar o conteúdo da História da Architectura Moderna, tanto ao séc. XVI (o tempo de Palladio), como ao nosso tempo (o de Souto de Moura), adquire uma renovada razão de ser.

Palladio, como explicará o autor da Lição, será ainda, porventura, o primeiro arquitecto a inscrever, no seu tratado, a palavra ‘moderno’ com este mesmo sentido que partilhamos.

Este pormenor maior no contexto da matéria disciplinar terá, certamente, contribuído para a sua eleição.

Até então, conhecem-se as considerações de Filarete, inscritas no seu tratado, que nos dão a ver um significado oposto.

*“Recomendo, pois, a cada um de vós que deixe de usar esse costume moderno e não oiça conselhos dos mestres que utilizam uma tal rotina. Maldito seja quem a inventou. Creio que só pode ter sido gente bárbara quem a trouxe para Itália.”*³

Àquele tempo, moderna era a arquitectura gótica (ou dos Godos), ou seja, uma arquitectura internacional, nova, com ênfase no aparato construtivo (multiplicação de pilares intermináveis, colonelos, contrafortes, arcos apontados, ogivas...), um *costume moderno* que Filarete aconselha abandonar.

Num certo sentido, o Renascimento constrói-se assim, contra o Gótico (a última ponta do progresso, a vanguarda), em favor da Antiguidade Clássica, recuperada e actualizada num processo de investigação lento, levado a cabo por um conjunto de arquitectos a partir dos finais do séc. XIV.

É desta investigação que trata o Projecto da História da Architectura Moderna, uma investigação, ora arqueológica,

³ Filarete, *Trattato di architettura* citado por Joaquín Arnau Amo, “*La Teoría de la Arquitectura en los Tratados*” (3 vols.), Madrid, Tebas Flores, vol. 3, 1988, p. 60.

ora inventiva, recorrendo aos exemplos antigos e aos antigos mestres para continuar.

Ao colocar, no mesmo plano, a sua investigação teórica, a manifestação das suas obras, as referências próximas e mais longínquas, Palladio inscreve no seu tratado (o primeiro livro de *architectura* com carácter monográfico; quantos?, hoje) uma teoria de projecto (a sua) que encontra a expressão máxima no pequeno capítulo das invenções (as invenções de Palladio são edifícios por concluir, ou ainda por começar, projectos sem cliente, em lugares condicionados, ou mesmo sem lugar). Uma teoria levada ao limite nos projectos das casas grega e romana que Palladio nunca viu mas *inventou*, com rigor, a partir da sua própria investigação. Chamar-lhe-íamos um levantamento teórico que resulta num projecto histórico, um paradoxo, sem lugar.

Palladio dá-nos a ver como Projecto e História se informam mutuamente, como a Invenção convoca a Investigação e como o 'Projecto de Architectura' pode ser, em si mesmo, um 'Projecto de Investigação'.

É um abuso (dizem alguns). Talvez fosse pertinente que esses mesmos investigadores, antes de se pronunciarem, mergulhassem, ainda que por momentos, no processo intrincado do ofício, uma via que a investigação em *architectura* não deverá escamotear na sua abordagem (nem exclusivamente científica, nem exclusivamente empírica), sob pena de se perderem os verdadeiros problemas no seio dos quais a *architectura* se move e constrói.

•

“*Sobre abusos*”⁴, assim o título de um subcapítulo dos *quatro livros*, Palladio elenca um conjunto de situações que parecem dirigir-se, muito concretamente, aos seus colegas contemporâneos que consolidavam um período da história da *architectura* que viria a designar-se maneirismo.

4 Palladio, [I quattro libri dell'Architettura] *The four books of architecture*, New York, Dover, 1965 (1.ª ed. 1570), p. 25,26.

Aqueles seus contemporâneos têm paralelo nos nossos contemporâneos que, cegos à tradição colectiva do ofício, parecem confundir a verdadeira invenção (aquela que Palladio nos dá a ver), com a invenção à sua maneira, sem rede, e sem chão. *Olhos que não vêem*, diria Le Corbusier.

Difícilmente farão parte da conversa entre Távora, Siza e Palladio, ou do *pensamento arquitectónico de Eduardo Souto de Moura* que, muito recentemente, numa entrevista a Nuno Brandão Costa, dividia a História em clássicos e não clássicos.

*“Para mim [dizia ainda], a História da arquitectura é a História do classicismo. (...) A História que me interessava era a História clássica, a História da coluna...”*⁵

Cinco séculos e dois mil quilómetros separam a *coluna primitiva* de Bramante (em Santo Ambrósio, Milão), da *coluna mineral* de Souto de Moura (no mercado de Braga, agora transformado). Ambas parecem contrariar os cânones clássicos e, no entanto, ambas falam da História do classicismo.

A coluna, elemento arquitectónico antigo – primeiro sem ordem; depois, dórica grega, toscana, dórica romana, a seguir jónica, coríntia, depois compósita, gigante, colossal; e sem ordem, de novo – que Alberti inscreve no seu tratado como sendo *ornamento por excelência*, e que Loos (o autor de *Ornamento e Delito*) projecta na *Tribune Tower*, une a família espiritual evocada pela fotografia inaugural desta Lição.

Não estarão de acordo em tudo, como esta pequena amostra mostra, no entanto, as grandes afinidades constroem-se do diálogo e há pessoas com quem é impossível conversar.

Souto de Moura cedo se aperceberá deste fenómeno, *“a partir desse momento – explica Souto de Moura – (...) começou a configurar-se o meu drama: Siza e Rossi eram os arquitectos que eu mais admirava e embora se respeitassem mutuamente percebi que não estavam de acordo”*.⁶

5 Eduardo Souto de Moura, entrevistado por Nuno Brandão Costa, *Bande à Part 1. Tipologia e Revolução*, Porto, Circo de Ideias, 2019, p. 143.

6 Eduardo Souto de Moura, *“Su Aldo Rossi, Eduardo Souto de Moura, a cura de António Esposito”* [2003], citado por José Miguel Rodrigues, *O Mundo Ordenado e Acessível das Formas da Arquitectura*, Porto, FIMS, Afrontamento, 2013, p. 315.

As famílias nem sempre estão de acordo. Felizmente. A família de docentes do Projecto da História da Arquitectura Moderna é grande.

Na componente prática (onde se projecta a partir do material da História) José Miguel Rodrigues chamou à conversa um conjunto de assistentes (onde me incluo), além do apoio do seu antecessor, o já Emérito José Quintão.⁷ As discussões são recorrentes e raramente estamos de acordo. Não importa.

José Miguel Rodrigues deixa de fora do seu *Mundo Ordenado* a obra de Siza. Já o nosso *Estilo* convoca Siza, essencialmente, que, como diz Souto de Moura, não está de acordo com Rossi; assim José Miguel, que prefere o caminho de Grassi, esse Albertiano declarado.

No duelo barroco, José Quintão bate-se por Borromini, enquanto José Miguel defende Bernini, não fosse este um Palladiano disfarçado. Palladio é, para Quintão, “*um grande maneirista*”, uma afronta para quem o defende como a linha da tradição. “*Maneiristas são os seus copistas*”, “*Tão maneiristas são os seus copistas como os que dele se afastam ‘à sua maneira’*”. “*E Miguel Ângelo? É um maneirista?*”, “*Miguel Ângelo não é maneirista, Miguel Ângelo é um génio*”, “*Um génio como Siza*”. A discussão deriva.

O génio de Siza talvez se explique melhor a partir de Miguel Ângelo, mas é em Palladio que o génio se aproxima do Estilo (na acepção de Goethe) e, assim, de uma eventual ideia de escola. No Porto, ou em qualquer outro lugar.

•

Em Vicenza, a conversa continua.

Falam da exposição dos desenhos e maquetes da obra de Siza que acabaram de ver, na Basílica Palladiana, sob a luz difusa dos *Lorosae*.

7 “Iniciei um processo de recrutamento de colaboradores convidados que reunissem as condições que considereei necessárias à docência da História da Arquitectura Moderna e que mais não correspondiam do que ao próprio perfil dos meus antecessores e, tanto quanto era capaz de ajuizar, ao meu próprio. Deveriam ser arquitectos com experiência prática de projecto, interessados pelo pensamento e pela escrita, para quem a História fosse uma disciplina fundamental para o projecto. Como diria Giorgio Grassi, deveriam ser, como Alberti, arquitectos

Siza ilumina a obra de Palladio que acolhe a sua própria obra. Embora seja do domínio do acaso, alegra-nos pensar na coincidência que junta, ainda, os dois autores no *Centro Internacional de Estudos de Arquitectura Andrea Palladio*, mais conhecido como CISA Palladio. É um acaso. Mas sempre que evocamos esta referência não deixamos de nos entusiasmar.

*“E tenho de me conter de forma bastante estranha, pois infelizmente encontro aqui lado a lado precisamente aquilo de que fujo e aquilo que procuro.”*⁸

A voz de Goethe, o *eterno amador* (que entretanto se juntou à já longa conversa), refere-se, por um lado, à *“arquitectura moderna”* de que fugia Filarete e, por outro, à arquitetura moderna que Palladio procurava. A mesma divisão que Souto de Moura faz da História e que José Miguel Rodrigues partilha e explica extraordinariamente nas suas aulas, e nesta (nestas), em particular.

Talvez não seja a melhor pessoa para o dizer e talvez seja a melhor pessoa para o dizer. Há abusos e abusos, e alguns podem ser explicados.

As afinidades electivas de Goethe explicam a escolha de José Miguel Rodrigues para a escrita desta introdução.

que escreviam.” José Miguel Rodrigues (sobre a equipa que agregou: Manuel Montenegro, Joana Couceiro, Mariana Sá, Daniela Sá e Sílvia Ramos), *“Relatório da Unidade Curricular”*, op. cit., p.12.

8 Goethe, *Viagem a Itália 1786-1788*, Lisboa, Bertrand, 2016, p.80.

Palladio e o Moderno

editora

Circo de Ideias
www.circodeideias.pt

direcção

Magda Seifert
Pedro Baía

coordenação editorial

Magda Seifert

título

Palladio e o Moderno

autor

José Miguel Rodrigues

prefácio

Joana Couceiro

design gráfico

Inês Nepomuceno
Mariana Marques

ISBN

978-989-54636-1-9

fotografias por

José Miguel Rodrigues
p. 30-33, 38-41, 44-46 e 76

impressão

NORPRINT

depósito legal

XXXX

apoios

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P. –, no âmbito do Projeto Financiamento Base, Referência: UIDB/00145/2020.

Esta lição teve lugar na FAUP, no dia 10 de Novembro de 2017, no contexto da prova pública para a obtenção do título de agregado, a qual teve como júri os Professores Catedráticos: Carlos Guimarães (presidente do júri), Walter Rossa, Ana Tostões, Teresa Valsassina Heitor, Carlos Dias Coelho, Domingos Tavares e Rui Póvoas. A discussão da lição ficou a cargo do Professor Catedrático Emérito Domingos Tavares.

© 2019 Circo de Ideias – Associação Cultural

© dos textos, das imagens: os autores, todos os direitos reservados

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



